

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: República

Class.: _____

Data: 07.11.79

Pg.: _____



OS GUARANIS

A pequena tribo, de índios, sente saudades do velho padre que os ajudou há doze anos.

ÍNDIOS

A quem os guaranis incomodam?

Eles vivem há doze anos no M'Boi Mirim e agora sofrem pressões

Quem, afinal, quer expulsar os guaranis do pequeno pedaço de terra que ocupam há doze anos, no Instituto Rural Agnelo Rossi, a cerca de quarenta quilômetros do centro de São Paulo, no M'Boi Mirim? Quem gostaria de se livrar dos vinte índios (doze são crianças) que vivem em três casebres de madeira, cultivam uma roça modesta, só para subsistência, e não têm energia elétrica, água encanada e nem assistência médica?

A Funai não se interessa por essa pequena tribo, que há doze anos chegou do Paraná, numa viagem de trem. Desorientados, os guaranis foram morar sob uma ponte em Parelheiros, até que o padre José Seskevics os encontrou e ofereceu-lhes um trecho do Instituto Rural. Construiu ali as três casinhas de dois cômodos cada e um barracão que serve de cozinha coletiva; distribuiu ferramentas e sementes; ofereceu

trabalho na lavoura do próprio Instituto, pagando em mantimentos e dinheiro; e deu escola às suas crianças. Até que, há três anos, tudo acabou.

«Veio um padre novo para cá e começou a encher o saco da gente, pressionando pra índio sair», conta Tupã, ou Anísio Silva, de 24 anos. Avaju, ou Gumercindo Silva, 62 anos, líder da comunidade, confirma. «O padre novo proibiu índio de jogar bola no campo do Instituto e proibiu índio de ir até lá a sede; por isso as crianças não vão mais à escola, que fica bem do lado do Instituto. Daqui lá, andavam só 10 minutos; agora, se quiserem ir, têm que pegar ônibus, viajar mais de meia hora pelo asfalto, dar a volta aí por cima», diz o jovem Tupã, aborrecido. Enquanto outros rapazes guaranis jogam futebol com uma bola de plástico furada, num campinho improvisado

em frente à maloca, o velho Avaju diz que o novo padre não dá mais serviço para os índios, que têm de fabricar mais arcos, flechas, machadinhos, colares e chocalhos para vender no centro da cidade, nos fins de semana, para conseguir algum dinheiro e comprar roupas e utensílios.

«Nos últimos três anos, cinco crianças morreram aqui de sarampo: ninguém mais é vacinado e não vem médico», conta Tupã, lembrando que «no tempo do padre José sempre vinha doutor ver índio, dar remédio». Segundo ele, as pressões para que a tribo abandonasse a terra aumentaram nas últimas semanas, até que o padre avisou que ontem iria até lá, para uma conversa final: «Ele até ofereceu 45 mil cruzeiros para todos os índios saírem, mas isso é mixaria».

Há, porém, um mistério aí:

quem é esse padre prepotente? Os guaranis dizem que o conhecem por Dilermando. Mas o único padre lá no Instituto Rural, praticamente abandonado há três anos, sendo aos poucos coberto por um matagal, é o monsenhor Vitor Ribeiro, um tipo forte, que usa uma barba grisalha. Ele corresponde à descrição dos guaranis, chegou ali há três anos, mas garante que não há ordem alguma da Igreja para expulsá-los: «Talvez seja alguém querendo hostilizar o povo contra a Igreja», diz ele. Monsenhor Ribeiro admite, porém, que para os índios seria melhor voltar à sua aldeia. Só que eles preferem ficar com o Estatuto do Índio que, em seu artigo 33, determina: «Um índio, integrado ou não, que ocupe como próprio, por dez anos consecutivos, trecho de terra inferior a cinquenta hectares, adquirir-lhe-á a propriedade plena».

(José Meirelles Passos)